

CADERNOS
DO Povo
BRASILEIRO

EXTRA

*Poemas
para a
Liberdade*

VIOLÃO DE RUA

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

Diretores:

ALVARO VIEIRA PINTO

ENIO SILVEIRA

Volume Extra

desenho de capa:

EUGÊNIO HIRSCH

Exemplar Nº 2186

Primeiro de uma série, este livro foi organizado pelo CENTRO POPULAR DE CULTURA da União Nacional dos Estudantes, sem qualquer pretensão de realizar uma completa antologia, e visa divulgar poetas que usam seus instrumentos de trabalho para participar, de modo mais direto, nas lutas em que ora se empenha o povo brasileiro, revolucionariamente voltado para as exigências de um mundo melhor e mais humano.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 97

RIO DE JANEIRO

1962

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

VIOLÃO DE RUA

Poemas de

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

FERREIRA GULLAR

GEIR CAMPOS

JOSÉ PAULO PAES

MOACYR FELIX

PAULO MENDES CAMPOS

REYNALDO JARDIM

VINICIUS DE MORAES

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RIO DE JANEIRO

INDICE

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Morte na Lagoa Amarela	11
Outubro	15

FERREIRA GULLAR

Quatro Mortos por Minuto	20
João Boa-Morte, Cabra Marcado prá Morrer ..	22

GEIR CAMPOS

Cortina	38
Tarefa	38
A Meta Física	39
Razão de Família	39
A Prometida	40
Poética	40
Alba	41
O Sermão da Planície	41

JOSÉ PAULO PAES

Baladilha	46
L'affaire Sardinha	47
Cena Legislativa	47

MOACYR FÉLIX

Sons para Lumumba	50
Ministrinho, Ministrão	56
Aula Ocidental	60

PAULO MENDES CAMPOS

Poema para ser Cantado	64
Um Homem Pobre	68

REYNALDO JARDIM

Canto Menor com Final Heróico	76
Ditado sôbre o Mêdo	78
Descrição de Gravura	78

VINICIUS DE MORAES

Os Homens da Terra	82
O Operário em Construção	86

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

MORTE NA LAGOA AMARELA

*"Um de nós não bebe mais
a água da Lagoa Amarela".*

(Entrevista dada por um posseiro ao BINÔMIO,
depois de prêso pela morte de um fazendeiro
no Vale do Rio Dôce).

1

Triste vida de posseiro
junto à Lagoa Amarela.

Vinte anos sôbre a terra
cavando o faltoso pão,
vinte anos de promessa
com a mesma enxada na mão,
quatorze filhos no mundo
fora os que estão no caixão.

Triste vida de posseiro
sempre sem pão e dinheiro.

Fazendeiro toma tudo:
terra, filhas, boi, peroba
e quando o caboclo grita
queima tudo o que não "roba".

2

Eis que deu que um fazendeiro
com fama de boi ladrão
se apeou nas minhas portas
e me gritou como a um cão:
que aquela terra era dele
e punha tudo no chão,
e se eu ficasse morria
como torresmo e carvão.

Triste vida de posseiro
junto à Lagoa Amarela!

“Pelo amor de sua família
pela sua religião!”
roguei pro homem raivoso
que não tirasse o meu pão:
vinte anos de misérias
com a mesma enxada na mão,
com a só perna direita
que a outra não tenho não.

3

Morre a tarde e o homem apeia
pra cumprir sua predição,
com dois capangas de lado
e a gasolina na mão,
se achegando como cobra
que se encolhe no moitão.

Olhei pr'aquilo tristonho
mas não temí decisão:
quatorze filhos no mundo
fora os que estão no caixão,
já quantos posseiros mortos
por obra do mesmo cão.

12

E foi aí que a promessa
me nasceu no coração:

“Um de nós sobra da sela
e não vai beber mais água
desta Lagoa Amarela”.

4

Peguei na espingarda velha
como quem pega o enxadão
com a força que a fome dá
pra quem defende seu pão
com o desespero nos olhos
e ódio no coração,
e jurando por mim, pros filhos
que estavam no seu caixão,
mandei-lhe no peito a bala
e o homem foi despachado
caindo no chão sangrando
como boi velho castrado.

Seus capangas se sumiram
como preás, quando o cão
descobre que a caça é certa
e segue o rastro no chão.

*

E foi então que sentí
que os filhos que estavam mortos
se estremeceram no chão
junto aos posseiros queimados
pelo ódio do patrão
e que agora renascidos

13

defendiam seu sertão
punham no ombro a espingarda
refazendo a plantação
replantando dia a dia
para colhêr na estação,
as sementes duradouras
da esperada redenção
que agora surge madura
sob a voz de Julião.

OUTUBRO

1

Outubro
ou nada

ou tudo
ou sangue

outubro
ou tumba

outubro
ou pão

outubro
ou túnel

— de emoção

2

Quando outubro,
caso queiras
ou não queiras, senador,
o homem

— que não vês

já tem na bôca
a palavra

— que êle fêz.

Quando outubro
caso deixes

ou não deixes, cardeal,
o homem

— que não vês

já tem no olhar
a fé

— no que êle fêz.

Quando outubro
caso saibas
ou não saibas, general,
o homem

— que não vês

já tem na mão
a arma

— que êle fêz

e sabe que outubro é quando
a lisonja tem suas bôcas
e cria palavras dúbias
sôbre os tímpanos do povo,

por isso que, quando outubro,
todo cuidado é pouco:
dou três toques no meu sino
e mando chamar meu povo.

3

Cuidado, presidente,
— que outubro

— é semente

16

Cuidado, ministro,
— que outubro

— é sinistro

Cuidado, congresso,
— que outubro

— é da Esso

Cuidado, cardeal,
— que outubro

— é fatal

Cuidado, operário,
— que outubro

— é salário

Cuidado, patrão,
— que outubro

— é lição

Cuidado, meu povo,
— que outubro
sobretudo

— é um ôvo
que pomos

— com a mão.

17

FERREIRA GULLAR

QUATRO MORTOS POR MINUTO

(à razão de mil dólares)

Morrem quatro por minuto
nesta América Latina.
Não conto os que morrem velhos,
só os que a fome extermina.

Não conto os que morrem velhos
que, na América Latina,
êsses são poucos: os homens
aqui mal passam dos trinta.

Não conto os mortos de faca
nem os mortos de polícia:
conto os que morrem de febre
e os que morrem de tísica.

Conto os que morrem de boubá,
de tifo, de verminose;
conto os que morrem de crupe,
de cancro e sistosomose.

Mas todos êsses defuntos
morrem de fato é de fome,
quer a chamemos de febre
ou de qualquer outro nome.

Morrem de fome e miséria
quatro homens por minuto,
embora enriqueçam outros
que dêles não sabem muito,

que nunca lhes viram o rosto
ossudo, os braços franzinos,
mas que lhes roubam a moeda,
êsses gangsters grã-finos.

Mil dólares por minuto,
eis quanto nos rouba o ianque.
Time is money: transformam
em moeda nosso sangue.

Blood is money, alquimistas,
transformam moeda em sangue,
transformam moeda em rifle,
em bomba, em canhão, em tanque.

Enquanto quatro homens morrem
por minuto, por minuto
mil dólares voam daqui
para a gaveta dos trustes.

Esse é o preço que pagamos
— será pouco? será muito? —
para ganharmos um morto
quatro vêzes por minuto.

No tempo que dispendeste
para ler estas estrofes
quatro dos nossos morreram
e o ianque encheu mais seu cofre.

Tempo é dinheiro — êles dizem.
Tempo é sangue — nós dizemos.
Fidel mostrou-nos a rota:
Pátria ou morte! Venceremos!

JOÃO BOA-MORTE

(cabra marcado pra morrer)

Vou contar para vocês
um caso que sucedeu
na Paraíba do Norte
com um homem que chamava
Pedro João Boa-Morte
lavrador de Chapadinha:
talvez tenha morte boa
porque vida êle não tinha.

Sucedeu na Paraíba
mas é uma história banal
em todo-aquêle Nordeste.
Podia ser no Sergipe,
Pernambuco ou Maranhão,
que todo cabra-da- peste
ali se chama João
Boa-Morte, vida não.

Morava João nas terras
de um coronel muito rico,
tinha mulher e seis filhos,
um cão que chamava "Chico",
um facão de cortar mato,
um chapéu e um tico-tico.

Trabalhava noite e dia
nas terras do fazendeiro,
mal dormia, mal comia,
mal recebia dinheiro;
se não recebia não dava
pra acender o candeeiro.
João não sabia como
fugir dêsse cativo.

Olhava p'ras seis crianças
de olhos cavados de fome,
já consumindo a infância
na dura faina da roça.
Sentia um nó na garganta.
Quando uma delas almoça
as outras não, a que janta
no outro dia não almoça.

Olhava para Maria,
sua mulher, que a tristeza
na luta de todo o dia
tão depressa envelheceu.
Perdera tôda a alegria
perdera tôda a beleza
e era tão bela no dia
que João a conheceu.

Que diabo tem nesta terra,
neste Nordeste maldito,
que mata como uma guerra
tudo que é bom e bonito?
Assim João perguntava
para si mesmo e lembrava
que a tal guerra não matava
o coronel Benedito!

Essa guerra do Nordeste
não mata quem é doutor
não mata dono de engenho,
só mata o cabra-da-pesto
só mata o trabalhador.
O dono de engenho engorda,
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens
que trabalham na fazenda
do Coronel Benedito
tiveram com êle atrito
devido ao preço da venda.
O preço do ano passado
já era tão baixo e no entanto
o coronel não quis dar
o nôvo preço ajustado.

João e seus companheiros
não gostaram da proeza:
se o nôvo preço não dava
para garantir a mesa,
aceitar preço mais baixo
já era muita fraqueza.
"Não vamos voltar atrás.
Precisamos de dinheiro,
se o coronel não der mais
vendemos nosso produto
para outro fazendeiro."

Com o coronel foram ter
mas quando comunicaram
que a outro iam vender
o cereal que plantaram,
o coronel respondeu:

"Ainda está para nascer
um cabra pra fazer isso.
Aquêlo que se atrever
pode rezar, vai morrer,
vai tomar chá de sumiço."

O pessoal se assustou.
Sabiam que fazendeiro
não brinca com lavrador.
Se quem obedece morre
de fome e de desespêro,
quem não obedece corre
ou vira "cabra morredor".

Só um dêles se atreveu
a vender seu cereal.
Noutra fazenda vendeu
mas vendeu e se deu mal.
Dormiu mas não amanheceu.
Foram encontrá-lo enforcado
de manhã num pé de pau.
Debaixo do morto estava
um "cabra" do Benedito
que dizia a quem passava:

"Esse moleque maldito
pensou que desrespeitava
o que o patrão tinha dito.
Tôda planta que aqui nasce
é planta do coronel,
êle manda nesta terra
como Deus manda no céu.
Quem estiver descontente
acho melhor não falar
ou fale e depois se agüente
que eu mesmo venho enforçar."

João ficou revoltado
com aquêl crime sem nome.
Maria disse: "Cuidado,
não te mete com êsse homem".
João respondeu zangado:
"Antes morrer enforcado
do que sucumbir de fome."

Nisso pensando, João
falou com seus companheiros:
"Lavradores, meus irmãos,
esta nossa escravidão
tem que ter um paradeiro.
Não temos terra nem pão,
vivemos num cativoiro.
Livremos nosso sertão
do jugo do fazendeiro."

O coronel Benedito
quando soube que João
tais coisas havia dito
ficou brabo como o Cão.
Armou dois "cabras" e disse:
"João Boa-Morte não presta,
não quero nas minhas terras
caboclo metido a besta."

"Vou lhe dar uma lição.
Êle quer terra, não é?
Pois vai ganhar o sertão.
Vai ter de andar a pé
desde aqui ao Maranhão.
Quando virar vagabundo
vai ter de baixar a crista.
Vou avisar todo mundo

que êsse "cabra" é comunista.
Quem mexe com o Benedito
bem caro tem de pagar.
Ninguém lhe dará um palmo
de terra pra trabalhar."

Se assim disse, assim fêz.
João foi mandado embora
do seu casebre pacato.
Disse a Maria: "Não chora,
todo o patrão é ingrato."
E saíram mundo afora
êle, Maria, os seis filhos
e o facão de cortar mato.

Andaram o resto do dia
e quando a noite caía
chegaram numa fazenda:
"Seu doutor, tenho família,
sou homem trabalhador.
Me ceda um palmo de terra
pra eu trabalhar pro senhor."

Ao que o doutor respondeu:
"Terra aqui tenho sobrando,
todo êste baixão é meu.
Se planta e colhe num dia,
pode ficar trabalhando."
"Seu coronel, me desculpe,
mas eu não sei fazer isso.
Quem planta e colhe num dia
não planta, faz é feitiço."
"Neste caso, não discuta,
acho melhor ir andando."

E lá se foi Boa-Morte
com a mulher e os seis meninos.
"Talvez eu tenha mais sorte
na fazenda dos Quintinos."
Andaram rumo do Norte,
pra além da várzea dos Sinos:
"Coronel, morro de fome
com seis filhos e a mulher.
Me dê trabalho, sou homem
para o que der e vier."

E o coronel respondeu:
"Trabalho tenho de sobra
e se é homem como diz
quero que me faça agora
esta raiz virar cobra
e depois virar raiz.
Se isso não faz, vá-se embora."

João saiu com a família
num desespero sem nome.
Êle, os filhos e Maria
estavam mortos de fome.
Que destino tomaria?
Onde iria trabalhar?
E à sua volta êle via
terra e mais terra vazia,
milho e cana a verdejar.

O sol do sertão ardia
sôbre os oito a caminhar.
Sem esperança de um dia
ter um canto pra ficar,
à sua volta êle via
terra e mais terra vazia
milho e cana a verdejar.

E assim, dia após dia,
andaram os oito a vagar,
com uma fome que doía
fazendo os filhos chorar,
mas o que mais lhe doía
era, com fome e sem lar,
ver tanta terra vazia,
tanta cana a verdejar.

Era ver terra e ver gente
daquêle mesmo lugar,
amigos, quase parentes,
que não podiam ajudar,
que se lhe dessem pousada
caro tinham que pagar.
O que o coronel ordena
é bom não contrariar.

A muitas fazendas foram,
sempre o mesmo resultado.
Mundico, o filho mais moço,
parecia condenado.
Pra respirar era um esforço,
só andava carregado.
"Mundico, tu tá me ouvindo?"
Mundico estava calado.

Mundico estava morrendo,
coração quase parado.
Deitaram o pobre no chão,
no chão com todo o cuidado.
Deitaram e ficaram vendo
morrer o pobre coitado.

"Meu filho", gritou João,
se abraçando com o menino.
Mas de Mundico restava

sòmente o corpo franzino.
Corpo que não precisava
mais nem de pai nem de pão,
que precisava de chão
que dêle não precisava.

Enquanto isso ali perto
de trás de uma ribanceira,
três "cabras" com tiro certo
matavam Pedro Teixeira,
homem de dedicação
que lutara a vida inteira
contra aquela exploração.

Pedro Teixeira lutara
ao lado de Julião
falando aos caboclos para
dar melhor compreensão
e uma liga organizara
pra lutar contra o patrão,
pra acabar com o cativoiro
que existe na região,
que conduz ao desespero
tôda uma população
onde só o fazendeiro
tem dinheiro e opinião.

Essa não foi a primeira
morte feita de encomenda
contra um líder camponês.
Outros foram assassinados
pelos donos de fazenda.
Mas cada Pedro Teixeira
que morre, logo aparece
mais um, mais quatro, mais seis
— que a luta não esmorece
e cresce mais cada mês.

Que a luta não esmorece
agora que o camponês
cansado de fazer prece
e de votar em burguês,
se ergue contra a pobreza
e outra voz já não escuta,
só a voz que chama pra luta
— voz da Liga Camponesa.

Mas João nada sabia
no desespero em que estava,
andando aquêlo caminho
onde ninguém o queria.
João Boa-Morte pensava
que se encontrava sòzinho
e que sòzinho morreria

Sòzinho com cinco filhos
e sua pobre Maria
em cujos olhos o brilho
da morte se refletia.
Já não havia esperança,
iam sucumbir de fome
êle, Maria e as crianças.
Naquela terra querida,
que era sua e não era,
onde sonhara com a vida
mas nunca viver pudera,
ia morrer sem comida
aquêlo de cuja lida
tanta comida nascera.

Aquêlo de cuja mão
tanta semente brotara,
que filho daquele chão,

aquêlê chão fecundara;
e assim se fizera homem
para agora, como um cão,
morrer, com os filhos, de fome.

E assim foi que Boa-Morte
quando chegou a Sapé,
desiludido da sorte,
certo que ia morrer,
decidiu que aquêlê dia
antes da aurora nascer
seus filhos mataria
e mataria a mulher,
depois se suicidaria
para acabar de sofrer.

Tomada essa decisão
sentiu que uma paz sofrida
brotava em seu coração.
Era uma planta perdida,
uma flor de maldição
nascendo de sua mão
que sempre plantara a vida.

Seus olhos se encheram d'água.
Nada podia fazer.
Para quem vive na mágoa
mágoa menor é morrer.
Que sentido tem a vida
pra quem não pode viver?
Pra quem plantando e colhendo
não tem direito a comer?
Pra que ter filhos, se os filhos
na miséria vão morrer?
E preferível matá-los
aquêlê que os fêz nascer.

Chegando a um lugar deserto
pararam pra dormir.
Deitaram todos no chão
sem nada pra se cobrir.
Quando dormiam, João
levantou-se devagar
pegando logo o facão
com que os ia degolar.

João se julgava sozinho
perdido na escuridão
sem ter ninguém pra ajudá-lo
naquela situação.
Sem amigo e sem carinho
amolava o seu facão
pra matar a família
e varar seu coração.

Mas como um louco atrás dêle
andava Chico Vaqueiro
um lavrador como êle
como êle sem dinheiro
para levá-lo pra Liga
e lhe dar um paradeiro
para que assim êle siga
o caminho verdadeiro.

Para dizer-lhe que a luta
só agora vai começar
que êle não estava sozinho
não devia se matar.
Devia se unir aos outros
para com os outros lutar.
Em vez de matar os filhos
devia era os libertar
do jugo do fazendeiro
que já começa a findar.

E antes que Boa-Morte,
levado pela aflição,
em seis peitos diferentes
varasse seu coração,
Chico Vaqueiro chegou:
"Compadre, não faça isso
não mate quem é inocente.
O inimigo da gente
— lhe disse Chico Vaqueiro
não são os nossos parentes,
o inimigo da gente
é o coronel fazendeiro.

O inimigo da gente
é o latifundiário
que submete nós todos
a êsse cruel calvário.
Pense um pouco meu amigo
não vá seus filhos matar.
É contra aquêle inimigo
que nós devemos lutar.
Que culpa têm seus filhos?
Culpa de tanto penar?
Vamos mudar o sertão
pra vida dêles mudar."
Enquanto Chico falava
no rosto magro de João
uma luz nova chegava.
E já a aurora, do chão,
de Sapé, se levantava.

E assim se acaba uma parte
da história de João.
A outra parte da história
vai tendo continuação

não neste palco de rua
mas no palco do sertão.
Os personagens são muitos
e muita a sua aflição.
Já vão todos compreendendo,
como compreendeu João,
que o camponês vencerá
pela fôrça da união.
Que é entrando para as Ligas
que êle derrota o patrão,
que o caminho da vitória
está na Revolução.

GEIR CAMPOS

CORTINA

Em uns países, pelo que me dizes,
quem assina, por exemplo, um poema
de pura crença na divina providência,
cai em desgraça...

Noutros, incluso o meu, digo-te eu:
quem assina, por exemplo, um poema
de fé pura na humana criatura,
cai em desgraça!

TAREFA

Morder o fruto amargo e não cuspir
mas avisar aos outros quanto é amargo,
cumprir o trato injusto e não falhar
mas avisar aos outros quanto é injusto,
sofrer o esquema falso e não ceder
mas avisar aos outros quanto é falso;
dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a noção pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo nôvo e muito mais humano.

A META FÍSICA

Aos que espiralam sem-razões do *ser*
pergunto:

— Que vai *ser*
das 130.000 crianças sem escolas
na principal cidade do país?

Aos que perquirem os *fins* da existência
pergunto:

— Quanta gente há no país
sem *meios* de subsistência?

Aos que pendengam entre *o eterno e a hora*
pergunto:

— E *agora*?

RAZÃO DE FAMÍLIA

Há um rico tio que nos vende feijão podre
e aceitamos,
trinca nos juros de um dinheiro podre
e aceitamos,
força em direito uma doutrina podre
e aceitamos,
conta por santo um parentesco podre
e aceitamos,
e mais e mais aceitamos porque o tio é suscetível
e à toa, à toa põe suas mil bôcas no mundo
— televisões, rádios, jornais, revistas —
e há de dizer que somos uns ingratos
separatistas e ...istas e ...istas e ...istas.

A PROMETIDA

Quando vier
a desejada dos povos
(quem sabe se a verei?)
não a procurem fazer,
nem por demais amor,
conforme aos burocratas
quase arquivos
ou aos economistas
quase contas
ou aos militaristas
quase fardas:
deixem-na que se faça
flor e fruto
à semelhança e imagem
do sonho mais a fome
do homem.

POÉTICA

Eu quisera ser claro de tal forma
que ao dizer

— rosa!

todos soubessem o que haviam de pensar.
Mais: quisera ser claro de tal forma
que ao dizer

— já!

Todos soubessem o que haviam de fazer.

ALBA

Não faz mal que amanheça devagar,
as flôres não têm pressa nem os frutos:
sabem que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono por chegar.
Portanto não faz mal que devagar
o dia vença a noite em seus redutos
de leste — o que nos cabe é ter enxutos
os olhos e a intenção de madrugar.

O SERMÃO DA PLANÍCIE

Alô alô trabalhadores na indústria do açúcar: a crise
está de amargar.
Alô alô trabalhadores na indústria do sal: que vida
insôssa, a nossa!
Alô alô ferroviários: este país anda fora dos trilhos.
Alô alô trabalhadores na indústria do carvão: a coisa
nunca estêve preta como agora.
Alô alô trabalhadores na indústria de doces e conservas:
impossível conservar-se a doce tranquilidade.
Alô alô trabalhadores na indústria de fiação: a paz
social está por um fio.
Alô alô trabalhadores na indústria de brinquedos: com
a fome do povo não se brinca.
Alô alô trabalhadores na indústria de artefatos de couro:
apertar o cinto não resolve.

Alô alô trabalhadores em panificação e laticínios: conosco tem de ser pão-pão, queijo-queijo.
Alô alô trabalhadores na indústria da madeira: o pau vai comer.
Alô alô trabalhadores na indústria da borracha: seremos inflexíveis.
Alô alô trabalhadores na indústria metalúrgica e siderúrgica: têmpera não nos falta.
Alô alô trabalhadores na indústria de fibras vegetais e animais: a nossa fibra é de aço.
Alô alô trabalhadores na indústria de eletricidade: tãda a energia é pouca.
Alô alô trabalhadores na indústria mecânica: está na hora de apertar os parafusos.
Alô alô trabalhadores na indústria do pescado: chega de encher a barriga dos tubarões.
Alô alô trabalhadores na indústria de comestíveis: chega de pôr azeitona na empada do imperialismo.
Alô alô trabalhadores na indústria do fumo: a cobra já está fumando.
Alô alô trabalhadores na indústria do calçado: vamos entrar de sola.
Alô alô trabalhadores no comércio: consciência não se vende.
Alô alô trabalhadores na indústria ótica: ôlho nos inimigos do povo!
Alô alô trabalhadores em cerâmica e porcelana: quem foi que disse que vaso ruim não quebra?
Alô alô trabalhadores na imprensa: o que o truste diz, não se escreve.
Alô alô bancários: o inimigo não merece crédito.
Alô alô trabalhadores na indústria de chapéus: a hora é de usar a cabeça.
Alô alô trabalhadores em lavanderia e tinturaria: vamos lavar a roupa suja do regime.

Alô alô trabalhadores na indústria gráfica: há muito tipo sujo querendo dar boa impressão.
Alô alô trabalhadores na indústria do frio: gêlo nos maus políticos!!
Alô alô trabalhadores na indústria de vidros e espelhos: vamos tirar os parasitas da redoma, sem contemplação.
Alô alô trabalhadores na indústria do vestuário: não adianta despir um santo para vestir outro.
Alô alô trabalhadores na indústria de botões: está na hora do opressor abotoar o paletó.
Alô alô trabalhadores em torrefação e moagem: vamos torrar o latifúndio, que nos mói.
Alô alô trabalhadores na indústria de inseticidas: o latifúndio é uma praga.
Alô alô camponeses: o latifúndio planta ventos, colhe tempestades.
Alô alô contabilistas: está na hora do ajuste de contas.
Alô alô trabalhadores em mineração: nosso país sempre foi uma mina para os outros.
Alô alô trabalhadores na indústria de tintas e vernizes: o imperialismo já pintou o sete conosco.
Alô alô trabalhadores na indústria de tecidos: o imperialismo nos deixa de tanga.
Alô alô trabalhadores em curtume: o truste está tirando o nosso couro.
Alô alô trabalhadores na indústria petrolífera: o petróleo é nosso.
Alô alô trabalhadores na indústria de detergentes: o imperialismo que vá lamber sabão!
Alô alô trabalhadores em instalações hidráulicas: vamos fazer quem nos explora entrar pelo cano.
Alô alô trabalhadores em construção civil: nosso muro será duro com duro.

Alô alô operários navais: vamos mostrar com quantos
paus se faz uma canoa.

Alô alô propagandistas de produtos farmacêuticos: di-
gam a todos que o nosso mal tem remédio.

Alô alô trabalhadores em joalheria e lapidação: nosso
país, emancipado, vai ser uma jóia.

Alô alô trabalhadores em transportes marítimos, flu-
viais e aéreos: o rumo certo é o da libertação.

Alô alô rodoviários: a verdadeira liberdade é que nos
guia.

Alô alô estudantes: certas verdades não se aprendem
no colégio.

Alô alô professores: não esqueçamos a lição da His-
tória!

Alô alô trabalhadores em rádio e televisão: a boa nova
está no ar.

Alô alô trabalhadores na indústria de bebidas: um brin-
de à vitória final!

OSÉ PAULO PAES

BALADILHA

Morre o boi
Quando chega ao fim
A paciência bovina
De mascar capim,
De puxar o carro,
De servir ao homem
Que o mata e come.

Morre o cão
No meio da rua
Sob a luz da lua
A que tanto uivou.
Guardou fielmente
O celeiro do homem,
Mas morreu de fome.

Morre o pássaro
Dentro da gaiola
Quando é noite e o canto
Já não o consola.
Pela última vez
Canta para o homem
Que, embora livre, dorme.

Envio:

Homem, não sejas
Pássaro nostálgico,
Cão ou boi servil.
Levanta o fuzil
Contra o outro homem
Que te quer escravo.
Só depois disso morre.

L'AFFAIRE SARDINHA

O Bispo ensinou ao bugre
Que pão não é pão, mas Deus
Presente em eucaristia.

E como um dia faltasse
Pão ao bugre, êle comeu
O Bispo, eucaristicamente.

CENA LEGISLATIVA

Primeiramente, condenou-se a pomba
Por amar uma paz entorpecente
Onde o leão perde a juba e a hiena os dentes

Depois, condenou-se no cordeiro
A perigosa dúvida que o anima.
O rio dos lobos corre sempre para cima.

Condenou-se a cigarra, finalmente,
Pelo crime de cantar nas horas vagas
Que a faina das formigas não tem paga.

Consolidada a ordem, festejou-se.
E o leão rugindo, a hiena rindo,
Os trabalhos foram dados por bem findos.

MOACYR FELIX

SONS PARA LUMUMBA

"A luz selvagem do sol resplandecerá novamente sobre nós, enxugará as lágrimas e as nossas feições achincalhadas. Quando romperes estes grilhões, estas pesadas correntes, dispersar-se-á para sempre o tempo da crueldade, da maldade. Orgulhoso, o livre Congo se levantará da terra negra".

(De um poema de Patrice Lumumba)

I

Em Drottningatan nevava
sobre teu nome, Lumumba.

Município de Blekinge,
comarca de Hallaryd,
e teu nome sobre o muro
como notícia maior:
"Lumumba morto no cárcere?"
E eras notícia maior.
No vídeo eu te via prêso
de pés e mãos amarradas
num caminhão militar.
Eu ví homens te arrastando
como um porco de levar!
E o vídeo mostrava ao mundo
tua mulher e teus filhos
com rostos de só penar.

E o mundo avistava o Congo
com mortos de não contar,
pois a milhares de vidas
faltava bôca e lugar.

Em Drottningatan nevava
sobre teu nome, Lumumba.

II

Ablator ONU! Ablator ONU,
onde as flôres de maio, as libertinas dalias?
Onde o ato e o desato atrás dos loiros fios do aparato?

Inútil betumar o mar do mundo
Lumumba, mar e mundo, rosamundo
e dor à tona
que os moribundos babam na babel belona!

Ah, Crepúsculo, quantos mortos soma a tua quimera?
Quando te movimentas sobre a escura terra,
quantos gritos circulam em ti, molusco
de ouro e sangue, derrotada esfera?

III

Malaxado, malaxado
teu silêncio maleiforme
me forma a lei, nossa lei
de ganhar sem ter ganhado...

IV

(Natal)

Rodados longos rosários
redondos como maçãs,
sobre o negro obituário

conversavam conversavam
bôcas cheias de avelã.
A palavra era bondosa
e as almas quase gasosas
de se sentirem tão sãs.

Na luva dos comentários,
sempre o K de Ku-Klux-Kan!

V

Se jornaladamente Deus é morto
e os homens triturados como nozes,
de que nos serve o luto do abaruna
que alberga em sombra o riso dos algôzes?

VI

Meu nome é índio, Lumumba:
desde o berço até a tumba
eu me chamo é Moacyr.
Félix me quer a Europa
de Roma e tôdas as opas
que me ensinaram trair
com posturas de *savant*
meu ser tamoio ou tupi:
filho de peixe das águas
que levam sumo ao caqui,
filho da dor andeja
escorrendo como chuva
nos olhos da gente ali.
Mas no meu corpo, Lumumba,

uiva um cão de treva e mágoa
todo feito de negror:
e é teu Congo que lateja
neste verso cantador
quando a noite assim me fala
do que morre na senzala
sob os rêlhos do feitor.
Desde o berço até a tumba,
meu grito é negro, Lumumba!

VII

Patrice negro e congolês Lumumba

abaeté e abaçaí dos abaíbas
eu te proclamo, nós, mulato e branco
filho de muitas raças misturadas,
negro, cafuzo, mameluco e índio,
de alparcata de couro,
de blusão operário,
de gravata sem festa,
na jangada, no trem, no bonde, no ar
da escura mina e do aeroporto aberto,
das mesas burocráticas,
embaixo das ondas e em Volta Redonda,
sôbre as dragas do São Francisco
ou sob a lâmpada do apartamento em vigília,
de um unicórnio azul a recontar os grilos
de uma lívida floresta alada, do fundo poço
banhado essencialmente
pelas contradições de céu e inferno, e avanço
e fuga, e sonho e realidade, e lógica e loucura,
da roda humana com seus grandes eixos
de nervo e inconsistência, resistência e fim

eu te saúdo, fogo e canto, lágrima
do imóvel ser tornado em vir-a-ser,
do fatum a transcender-se em ato,
do gesto a distender-se em vida,
da vida a transformar-se em homem

Patrice negro e congolês Lumumba!

VIII

Bambo bambú, molambo
de infinitas bandeiras
no céu de África acêsa,
vão ceifar-te as lupangas
do Tshombe dos belgas
em Catanga, em Catanga?

Em Catanga, em Catanga
colho a estrêla madura
de um sonhar amarelo,

e em Catanga, em Catanga
abro a bôca da noite
com meu grito mais belo

— e sugo a liberdade, o futuro,
com a mesma natural voracidade
com que nos quintais chupava a manga
arrancada por mim no alto muro!

IX

Só querias de verdade um mundo alegre.

Lâmina com que os ventos se interrogam
no chão sem fim depois da infância finda,
é triste o homem quando só no Espaço
— bailarino entre fontes absurdas.

Isto sabemos e necessitamos:
essa tristeza é nossa.

Mas é desumana
quando seus frutos, como agora, amargam
por serem falsos frutos, coisas podres
da vida imersa ainda em Natureza.

Só querias de verdade um mundo alegre.

X

Só querias de verdade um mundo claro
ao gesto meigo de uma filha tua...

Vamos fazer zabumba, ó Lumumba,
até que sejam corações a Rua?
Vamos fazer zabumba, ó Lumumba,
até que as nuvens sejam fadas nuas?

Vamos pintar o som do sol na lua?

XI

É tua, Lumumba, a minha melancolia.
Tua, Lumumba, minha noite imensa e vazia.
E teu êste rubro pássaro de aço
— seu único habitante —
em cujas garras finco espaço e tempo
numa exigência feroz de um outro dia.

Karlshamn, em janeiro de 1961.

MINISTRINHO, MINISTRÃO

*Esta é a livre falação
que o cantador achou nas ruas
para os membros do Gabinete
que governa esta Nação:*

Ministrinho, ministrão
quanto é que custa o feijão?

Com o seu tempo desgraçado
de só poder se alugar,
o povo vai para a praça
com o seu pouco de comprar.
E os cadilaques passando
com gente de só gozar;
e as buates se estufando
como um gordo a se engordar
sôbre esta coisa vazia
onde cresce o chá-chá-chá.

Ministrinho, ministrão
olha pro céu, e olha pro chão.

Proletário ou camponês,
o tempo de quem trabalha
nunca é sim, sempre é talvez;
não é vida, e sim mortalha

costurada mês a mês.
Proletário ou camponês,
se o seu suor corre em tudo,
que faz tão rico o burguês,
por que o cercam êstes muros
seculares de aridez?

Ministrinho, ministrão
de onde vem a confusão?
Ministrinho, ministrão
êste povo não precisa
de dinheiro dado não;
dinheiro daqueles mesmos
que levam mais do que dão,
que levam, e por isto vão
jogando dinheiro longe
dos pontos de precisão,
dinheiro que faz lembrar
o osso que é dado a um cão
por quem entra numa casa
com desejos de ladrão.

O que êste povo precisa
é que suas excelências
observem mais o chão,
e vejam a flor que ali nasce
com a forma desta nação,
e aprendam, por amá-la,
quanto vale esta canção
com que a própria história embala
as flôres do coração.

Ministrinho, ministrão
deixa o céu e olha pro chão!

Fábricas vão acordando
o azul dêsse nôvo espaço
com novas formas de nuvens
feitas de homem e de aço.
Usinas vão ritmando
a luz que vai aclarar
largos galopes de espanto
sôbre a vida a se inventar.
E as sondas vão perfurando
a terra, a pedra e o ar,
buscando essa nova era
no petróleo que libera
o povo que quer andar.
E o homem do campo exige
entre o colhêr e o plantar:
cadê a reforma agrária
que deve me libertar?

Ministrinho, ministrão
nesta hora que vivemos
reforma é revolução,
e tem que mudar de fato
a marcha desta nação,
como o pé muda o sapato
que não lhe serve mais não.
Ministrinho, ministrão
de onde vem a confusão?
Carneirinho, carneirão,
o povo não quer ser não.

Representantes do povo
não podem ser mais agora
os donos da engenhação,
os donos dêste comércio
feito só por ambição,

dêstes cofres em pletora
que mostram bem o que são,
nem primo de quem explora
latifúndio ou fiação:
deixam sempre pra depois
o gesto que é afirmação
dos homens não serem bois
(pois justamente por isto
é que têm daquilo ou disto
num mundo cortado em dois).

Ministrinho, ministrão
eis o centro da questão:
trataria êstes problemas
de que ora faço menção
com o desvêlo com que trata
a vida do seu irmão,
o casamento da filha,
ou do amigo a nomeação?
Ministrinho, ministrão
me arresponda em frente ao Cristo
que está sempre em citação,
de que forma o povo existe
nas terras de sua mão?
Qual a lei que ela assinou
trazendo libertação
à vida humana amarrada
nos pegos da alienação?
Ministrinho, ministrão
você, com o poder na mão,
me arresponda, nesta hora,
quanto é que custa o feijão?

Carneirinho, carneirão
o povo não é mais não.

Rio, Julho de 1962

AULA OCIDENTAL

Não me pergunte por que,
que eu não sei, isto eu não sei;
sei que é coisa *natural*
um ter bem, outro ter mal.
Aprenda comigo a lei
da grandeza ocidental:
Deus fêz tudo desigual:
quem fala inglês pra ser rico,
quem não fala pra ser mau.
Deus fêz tudo desigual:
pra ser rico o industrial,
o usineiro, o fazendeiro
que podem gastar dinheiro
sem pensar nesta besteira
de haver classe social,
pois sabem ser *natural*
terem êles alegrias
quando o povo passa mal.
Deus fêz tudo desigual:
pra ser pobre de doer
fêz o magro favelado
ou o velho desgastado
que vê pouco e que lê mal.
(O mundo vai melhorar,
lógico, vai melhorar;

mas para quê têmos pressa
de fazer andar depressa
o que Deus quer devagar?!)
A natureza, amigo,
quer se fazer respeitar,
e a *natureza* já disse:
“cada qual em seu lugar,
um nasceu com sua burrice,
outro nasceu pra mandar”.
Não me pergunte por que,
que eu não sei, isto eu não sei;
sei que é muito *natural*.
Assim mesmo, os operários
têm tôdas as liberdades
dêste mundo ocidental,
e podem viver nos morros
com suas casas de cachorros
ou sambar no carnaval.
Sorte dêles que possuem
esta graça benfazeja
de ver que a gente deseja
vê-los salvos numa igreja
com o seu pão celestial,
— sem ouvir materialistas
que não vivem pro mistério
sob o chão dos cemitérios,
que só falam no real
desta verdade inimiga
(que não se deve dizer
porque é feia e sem poesia)
de haver fome e haver barriga,
materialistas banais
voltados pro dia-a-dia
só teimando em dar a todos
o uso fácil da Alegria

ou dos bens materiais.
O rico tem êste uso
por direito *natural*,
com muitas horas de estudo
sôbre a dor do desigual,
e a certeza principal
de saber que a sua riqueza
— êste dom da *natureza*
que Deus lhe deu por sinal —
êle tem de conservá-la,
defendê-la contra o Mal.
Não me pergunte por que,
que eu não sei, isto eu não sei;
sei que é muito *natural*.
Aprendeu agora, amigo,
a grandeza ocidental?

(Depois de aplaudir e de assinar um cheque para o professor, no fundo da sala, o mais poderoso dos capitalistas sopra uma baforada em direção ao mesmo céu que cobre os milhões e milhões de crianças que morrem de fome no mundo ocidental.

Jogada a um canto, suja e amarfanhada, a página da Bíblia em que está escrito: “É mais fácil um camelo passar por um buraco de agulha do que um rico entrar no reino do céu”.

Talvez por isto é que êle *USA* o título de “o principal defensor da Civilização Ocidental Cristã”.)

PAULO MENDES CAMPOS

POEMA PARA SER CANTADO

Nas maremas nordestinas,
Nas ratoeiras das minas,
Nas falazes leopoldinas,
O povo não morrerá.
Usineiros de acidez,
Manganões de manganês,
Fabricantes de aridez,
Sei que o povo viverá.

Apesar de seus pesares,
De seus males milenares,
Tricotados nos teares,
O povo não morrerá.
Apesar de seus azares,
De nefandos calabares,
De sombrios salazares,
Sei que o povo viverá.

Enganado nos comícios,
Com promessas de armistícios
A seus velhos sacrifícios,
O povo não morrerá.
Com a corda no pescoço
Tendo por jantar o osso
Que sobrou de seu almoço
Sei que o povo viverá.

Chova embora canivete,
Falaram Sacco e Vanzetti
(E a voz do povo repete):
O povo não morrerá.
Contra o bôbo pedagogo,
Contra o lôbo demagogo,
Contra o ferro, contra o fogo,
Sei que o povo viverá.

Arquivistas fatalistas,
Romancistas marmoristas,
Jornalistas pessimistas,
O povo não morrerá.
Marinheiros mensageiros,
Madeireiros jornaleiros,
Fuzileiros brasileiros,
Sei que o povo viverá.

Enjaulado nas vielas,
Ferroado nas cancelas,
Abatido nas favelas,
O povo não morrerá.
Apesar dos ministérios,
Apesar dos cemitérios,
Apesar dos necrotérios,
Sei que o povo viverá.

Tubarões do monopólio,
Esso, Gulf, Shell e Pólio,
Caranguejos do petróleo,
O povo não morrerá.
Ford Motor Corporation,
Anaconda Association,
Codes o'fair assassination,
Sei que o povo viverá.

Nos infernos das fornalhas,
Nos reversos das medalhas,
Nos aversos das navalhas,
O povo não morerrá.
Tardes mornas de setembro,
Noites quentes de novembro,
Alvas rubras de dezembro,
Sei que o povo viverá.

Atacado de anquilose,
Botulismo, brucelose,
Amaurose, silicose,
O povo não morrerá.
Dobre o sino pelo pobre,
Dobre o sino, dobre nobre,
Pelo pobre, dobre, dobre,
Sei que o povo viverá.

Com as mãos arrebetadas,
As entranhas devoradas,
As palavras amarradas,
O povo não morrerá.
Entre as frestas das torturas,
Por detrás das imposturas,
Por baixo das sepulturas,
Sei que o povo viverá.

No Brasil, na Argentina,
USA, Cuba, França, China,
Flor agreste da campina,
Só o povo reinará.
Um refrão nôvo e antigo,
Em redor da flor do trigo,
Minha amiga, meu amigo,
Só o povo reinará.

Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.
Só o povo reinará.

UM HOMEM POBRE

A ferro e fogo,
A fome e lôgro,
Se faz um homem
Quando êle é pobre.
A canivete,
Plaina e formão,
Faz-se um irmão,
Um irmão pobre.
Com uma vela
E uma sovela
Marca-se a cara,
Ôlho por ôlho,
Dente por dente,
A ferro quente
Marca-se a tara:
Um P de pobre.
A cavaleiro
Do chão poento,
O seu nariz
Como um camelo
Comendo vento.
Com tôda a fôrça
Bate-se a fôrça
De seu pescoço.
Com faca fina

Talha-se o ventre,
Mansa planura
De repentina
Ânsia: vazio
E desventura.
Com três facadas
Se faz o sexo.
Com três pontadas
Fundas, sem nexo.
A ponta-pés
São modeladas
As suas nádegas.
E vulnerável
Seu calcanhar.
Se perde um membro,
Põe-se um esqueque
No seu lugar.
Pernas cavadas
Pelas varizes
Como raízes
A flor da terra.
Seus pés são flôres
Escalavradas.
Se fôr possível
Sejam flexíveis
Os seus joelhos.
Fígado, baço,
Rins de antimônio,
Pulmões de chumbo,
Olhos de fumo,
Enfim o homem
Química e mangue,
Robot sem rumo
De carne e sangue.
Enfim, a obra

Dos outros homens
Como uma cobra
Inspira, expira
O ar que sobra.
Para arremate,
As ferramentas,
Uma por uma:
Lima, verruma
Dão polimento;
Broca, alicate
Dão o contraste;
Torquez, guindaste
Dão movimento;
Mangal e freio
Dão-lhe o receio;
Leva-se ao tórno,
Depois ao fôrno.
José, João,
Deram-lhe um nome,
Qual, pouco importa.
Com alguidar,
Fôlha-de-Flandres,
Gamela torta,
Restos de mar,
Matam-lhe a fome
Do crescimento.
Fio de vento,
Teto de brasa,
Chão de relento,
Eis sua casa.
Embora magro,
Parece inchado,
Eis o seu vício.
Morre-lhe o pai,
Morre-lhe o filho,

Não veste luto.
Falar à morte
Cada minuto
É seu ofício.
No ar se exala
Tudo que fala.
Por onde pisa
Não há sapato.
Tudo que cheira,
Vulgar olfato,
Cheira à tristeza
Duma poeira.
Das galerias,
De pai a filho,
Herda a riqueza
Da silicose;
Se economiza
Febre reumática,
Pode gastar
Tuberculose.
Estranho tato,
Tudo que pega
Muda-se em lama.
Onde se deita
Chama de cama.
Cedo se estraga
Tudo que ama.
Cedo se rasga
Tudo que veste.
Cedo se despe
Da própria carne,
Do próprio nome.
Tudo que come,
Raro apetite,
Sabe-lhe a fome.

Tudo que ouve,
Houve ou não houve,
Tem o sentido
De ensurdecê-lo;
Raro desvêlo
Dos outros homens.
Tudo que é seu,
Ninho de sono,
Mina de cobre,
Campo de milho,
Coisas de pobre,
Tem outro dono.
Vive por dentro
Do lado externo:
De olhos abertos
Ou meio cego,
Vê a vitrina
De luz marinha
Com seus eternos
Peixes, lagostas,
Gorda galinha,
Leitão de crosta
Que se desata,
Cereja rubra,
Creme de prata,
Vergel de uvas.
A fome é sua.
No seu aquário
Da cor da lua
O cobertor
Espêso dorme;
Deus vela o sono
Do mostruário.
O frio é seu.
Não lhe pertencem

A relva, a graça
Dos chafarizes,
Banco de praça,
Flôres de rua,
Sombra de parque
Frescor de fonte.
O mêdo é seu.
Prisão é sua.
Em socavão,
Desvão de ponte,
Sob o pontão
Apodrecido,
Onde existir
Angulo morto,
Rôta catraia
De cais de pôrto,
Onde existir
Ôco-dé-pau,
Dura falésia
De rude praia,
Onde existir
Negra lacraia,
Feroz lacrau,
Bicho felpudo,
Onde houver tudo,
Rato, morcêgo,
Onde existir
O seu sossêgo
Cheio de mêdo,
Onde existir
Algum perigo
De se escalar,
Algum segrêdo
Para descer,
Onde a patrulha

Não atingir,
Onde o olhar
Do gavião
Não puder vê-lo,
Onde existir
Fétido cheiro,
No seu xiqueiro
O pobre irmão
Pode encostar
Sua cabeça
Seu coração
Pode apagar
A luz espessa
De seu olhar
De cão ou urso.

Um dia, morre,
Não tendo cova
O bisturi
Faz seu discurso.

REYNALDO JARDIM

CANTO MENOR COM FINAL HERÓICO

Apenas da vida feia
Os ossos do teu menino
Restam num monte de areia
Os ossos do teu menino

As carnes do teu menino?
O sorriso de lua cheia?
A pele do teu menino?
— Ossos ossos sôbre a areia

São os ossos do menino
O arcabouço da favela
Êsse frio envolve e gela
Os ossos do teu menino

(Entre os ossos do menino
Os cabelos revoltados
Ainda firmes plantados
No couro nu da cabeça)

Mas a pobreza é fecunda
E fabrica outro menino
Lastro de amarga poesia
Os ossos do teu menino

Pra que a miséria não cante
A vida tôda seu hino:
Fazer a ponta de lança
Dos ossos do teu menino !

DITADO SÔBRE O MÊDO

O que gera o fantasma são as fomes
E a funda insegurança dos meninos.
A queda repentina do horizonte
O horizonte manchado de inimigos.
O que provoca o mêdo são as pontes
Interrompidas sem qualquer aviso.
O tiro pelas costas e a escuridão
Fechando as portas de qualquer abrigo.
O que fermenta o mêdo e a rebelião
É o esperar prolongado e mais aflito
Do filho sem saber se trará pão
O pai que a vida tôda plantou trigo.

DESCRIÇÃO DE GRAVURA

Eu vejo uma gravura
de Kathe Kollwits.
Crianças feitas em dor
que me comovem.
Varadas de amargor
chorando fome.
Estendendo os braços
para os homens.
Suas cuias de barro
alevantadas.
Pelo braço sem fôrças

Sustentadas.
Nesse gesto de pão
para suas bôcas.
Ou de carne animal
para alguma sopa.
Têm água nos olhos
suplicantes.
E magreza nas mãos
feitas de cêra.
Que é preciso amar
essas crianças
como odiou sua fome
Kathe Kollwits.

VINICIUS DE MORAES

OS HOMENS DA TERRA

Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertam e cuja luta ora se inicia.

Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha
Porque desfrutais da terra
E a terra é de quem trabalha
Bem como os frutos que encerra
Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha.
Chegado é o tempo de guerra
Não há santo que vos valha
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
— União contra granada!
— Reforma contra metralha!

Senhores Donos da Terra
Juntai vossa rica tralha
Vosso cristal, vossa prata
Luzindo em vossa toalha.
Juntai vossos ricos trapos
Senhores Donos de terra

Que os nossos pobres farrapos
Nossa juta e nossa palha
Vêm vindo pelo caminho
Para manchar vosso linho
Com o barro da nossa guerra:
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde
O operário e o camponês;
Foi êle quem fêz o forno
Onde assa o pão que comeis
Com seu martelo e seu tórno
Sua lima e sua torquês,
Foi êle quem fêz o fôrno
Onde assa o pão que comeis.

Nosso pão de cada dia
Feito em vossa padaria
Com o trigo que não colheis;
Nosso pão que forja e funde
O camponês e o operário
No fôrno onde coze o trigo
Para o pão que nos vendeis
Nas vendas do latifúndio
Senhor latifundiário!

Senhor Grileiro de terra
É chegada a vossa vez
A voz que ouvis e que berra
É o brado do camponês
Clamando do seu calvário
Contra a vossa mesquinhês.

O café vos deu o ouro
Com que encheis vosso tesouro
A cana vos deu a prata
Que reluz em vosso armário
O cacáu vos deu o cobre
Que atirais no chão do pobre
O algodão vos deu o chumbo
Com que matais o operário:
É chegada a vossa vez
Senhor latifundiário!

Em tôda parte, nos campos
Junta-se à nossa outra voz
Escutai, Senhor dos campos
Nós já não somos mais sós.
Queremos bonança e paz
Para cuidar da lavoura
Ceifar o capim que dá
Colhêr o milho que doura,
Queremos que a terra possa
Ser tão nossa quanto vossa
Porque a terra não tem dono
Senhores Donos de Terra.
Queremos plantar no outono
Para ter na primavera
Amor em vez de abandono
Fartura em vez de miséria.

Queremos paz, não a guerra
Senhores Donos de Terra...
Mas se ouvidos não prestais
Às grandes vozes gerais
Que ecoam de serra em serra
Então vos daremos guerra
Não há santo que vos valha:

Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
— Granada contra granada!
— Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada
A nossa guerra não falha!

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

"E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: — Dar-te-ei todo êste poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: — Vai-te, Satanaz; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás."

LUCAS, Capítulo V, versículos 5 8.

Era êle que erguia casas
onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
êle subia com as casas
que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
de sua grande missão:
não sabia, por exemplo,
que a casa do homem é um templo,
um templo sem religião,
como tampouco sabia
que a casa que êle fazia
sendo a sua liberdade
era a sua escravidão.
De fato, como podia
um operário em construção

compreender por que um tijolo
valia mais do que um pão?
Tijolos êle empilhava
com pá, cimento e esquadria;
quanto ao pão, êle o comia.
Mas fôsse comer tijolo...
E assim o operário ia
com suor e com cimento
erguendo uma casa aqui,
adiante um apartamento,
além uma igreja, à frente
um quartel e uma prisão;
prisão de que sofreria,
não fôsse eventualmente
um operário em construção.

Mas êle desconhecia
êsse fato extraordinário:
que o operário faz a coisa
e a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia,
à mesa, ao cortar o pão,
o operário foi tomado
de uma súbita emoção
ao constatar assombrado
que tudo naquela mesa
— garrafa, prato, facção —
era êle quem os fazia,
êle, um humilde operário,
um operário em construção.
Olhou em tôrno: gamela,
banco, enxêrga, caldeirão,
vidro, parede, janela,
casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia

era êle quem o fazia,
êle, um humilde operário,
um operário que sabia
exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento,
não sabereis nunca o quanto
aquêle humilde operário
soube naquele momento!
Naquela casa vazia
que êle mesmo levantara
um mundo nôvo nascia
de que sequer suspeitava.
O operário emocionado
olhou sua própria mão,
sua rude mão de operário,
de operário em construção,
e olhando bem para ela
teve um segundo a impressão
de que não havia no mundo
coisa que fôsse mais bela.

Foi dentro da compreensão
dêsse instante solitário
que, tal sua construção,
cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo,
em largo e no coração,
e como tudo que cresce
êle não cresceu em vão.
Pois além do sabia
exercer a profissão,
o operário adquiriu
uma nova dimensão:
a dimensão da poesia.

E um fato nôvo se viu
que a todos admirava:
o que o operário dizia,
outro operário escutava.
E foi assim que o operário
do edificio em construção,
que sempre dizia *sim*,
começou a dizer *não*.
E aprendeu a notar coisas
a que não dava atenção:
notou que sua marmitta
era o prato do patrão,
que a sua cerveja preta
era o uísque do patrão,
que seu macacão zuarte
era o terno do patrão,
que o casebre onde morava
era a mansão do patrão,
que seus dois pés andarilhos
eram as rodas do patrão,
que a dureza do seu dia
era a noite do patrão,
que sua imensa fadiga
era a amiga do patrão.

E o operário disse: "Não!"
E o operário fez-se forte
na sua resolução.
Como era de se esperar,
as bôcas da delação
começaram a dizer coisas
aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
nenhuma preocupação:
— "Convençam-no" do contrário! —

disse êle sôbre o operário,
e ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
ao sair da construção
viu-se súbito cercado
dos homens da delação
e sofreu, por destinado,
sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado,
teve seu braço quebrado,
mas quando foi perguntado
o operário disse: "não!"

Em vão sofrera o operário
sua primeira agressão;
muitas outras se seguiram,
muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
ao edifício em construção,
seu trabalho prosseguia
e todo o seu sofrimento
misturava-se ao cimento
da construção que crescia.

Sentindo que a violência
não dobraria o operário,
um dia tentou o patrão
dobrá-lo de modo vário;
de sorte que o foi levando
ao alto da construção
e num momento de tempo
mostrou-lhe tôda a região,
e apontando-a ao operário
fêz-lhe esta declaração:

— Dar-te-ei todo êste poder
e a sua satisfação,
porque a mim me foi entregue
e dou-o a quem bem quiser,
dou-te tempo de lazer,
dou-te tempo de mulher . . .
Portanto, tudo o que vês
será teu se me adorares
e, ainda mais, se abandonares
o que te faz dizer *não*.

Disse e fitou o operário,
que olhava e que refletia;
mas o que via o operário,
o patrão nunca veria.
O operário via as casas
e dentro das estruturas
via coisas, objetos,
produtos, manufaturas;
via tudo o que fazia
o lucro do seu patrão
e, em cada coisa que via,
misteriosamente havia
a marca de sua mão.
E o operário disse "Não!"

— Loucura! — gritou o patrão —
Não vês o que teu dou eu?
— Mentira! — disse o operário —
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fêz-se
dentro do seu coração:
um silêncio de martírios,
um silêncio de prisão,

um silêncio povoado
de pedidos de perdão,
um silêncio apavorado
com o medo em solidão,
um silêncio de torturas
e gritos de maldição,
um silêncio de fraturas
a se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
de todos os seus irmãos,
os seus irmãos que morreram
por outros que viverão.
Uma esperança sincera
cresceu no seu coração
e dentro da tarde mansa
agigantou-se a razão
de um homem pobre e esquecido,
razão porém que fizera
em operário construído
o operário em construção.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA
COMPOSITORA GRÁFICA LUX LTDA., RUA FREI
CANECA, 224 - RIO DE JANEIRO, PARA
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A., EM
NOVEMBRO DE 1962.

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

Os grandes problemas de nosso País são estudados nesta série com clareza e sem qualquer sectarismo; seu objetivo principal é o de informar. *Sòmente quando bem informado é que o povo consegue emancipar-se.*

Primeiros lançamentos

- 1 — QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS?
Francisco Julião
- 2 — QUEM É O POVO NO BRASIL?
Nelson Werneck Sodré
- 3 — QUEM FAZ AS LEIS NO BRASIL?
Osny Duarte Pereira
- 4 — POR QUE OS RICOS NÃO FAZEM GREVE?
Alvaro Vieira Pinto
- 5 — QUEM DARÁ O GOLPE NO BRASIL?
Wanderley Guilherme

Volumes extras

- 1 — VIOLÃO DE RUA
Diversos
- 2 — REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NO BRASIL
Franklin de Oliveira

LEIA-OS — COMENTE-OS — DIVULGUE-OS